

O QUE OS SLAMMERS LEEM?

ANNA ZÊPAⁱ

MARIA GIULIA PINHEIROⁱⁱ

“Apaixonada,
saquei minha arma,
minha alma,
minha calma,
só você não sacou nada.”

Ana Cristina César ganharia um Menor Slam do Mundo. Foi com essa epifania que nós, Maria Giulia Pinheiro e Anna Zêpa, nos juntamos na ideia de criar e apresentar um poetry slam de poetas mortos, o **Ciranda: Jogo de Palavra Falada**. Na verdade, foi assim e não foi. Foi também em uma sede de estudo constante e uma angústia de querer entender quem são as tradições dos nossos contemporâneos, uma vontade de literatura em voz alta, que cultive os que vieram antes com o brio dos que leem seus textos hoje. Juntamos, assim, em 2018, a potência da forma do *poetry slam* à tradição de textos clássicos (e não só, pois trazemos malditos de determinadas épocas).

Nós duas começamos a participar de eventos de poetry slam no começo da década de 2010 e sempre visualizamos nesse modelo uma forma radical de escuta, de encontro e de potência poética.

Nosso desejo inicial com **Ciranda: Jogo de Palavra Falada** foi também o de demonstrar a tradição da produção feita por mulheres, mostrando que há uma literatura feita por nós e muito pouco valorizada pela cultura tradicional (feita por homens). Nosso jogo acontece desde setembro de 2018 e já realizamos diversas edições não só em São Paulo, mas também em Lisboa. Em nossa estreia, no Sesc Av. Paulista convidamos algumas mulheres de referência para nós no estudo da palavra falada e perguntamos quem elas gostariam de ler. Estivemos com: Pam Araújo (Slam das Minas) lendo Simone de Beauvoir; Roberta Estrela D'alva (ZAP Slam) lendo Maya Angelou; Caroline Maria (atriz) lendo Ana Cristina César; Eveline Sin (Menor Slam do

Mundo) lendo Orides Fontela; Ingrid Martins (Slam da Norte) lendo Carolina Maria de Jesus; Luz Bárbara (poeta e performer) lendo Noêmia de Sousa; Sandra-X (cantora) lendo Clarice Lispector e as campeãs: Ryane Leão (poeta) lendo Audre Lorde. Sim, pois no *Ciranda* ganha tanto quem é lida quanto quem lê. Nesse dia tivemos também Roberta Martinelli (radialista e jornalista musical) fazendo a jurada especial e comentando os poemas. O público contou com mais de 100 pessoas.

É um formato que desperta interesse e curiosidade, pois é uma oportunidade de se debruçar e estudar a obra de determinados autores para celebrá-los através da oralidade contemporânea, embora a oralidade seja um fenômeno e formato celebrado desde o princípio da existência humana. Se pensarmos na oralidade nordestina, nos repentistas, nas rinhas de MC, nas mesas de glosa, o *slam* vem como mais um modelo de organização com regras e “vencedores”.

Nessa primeira edição, por exemplo, Roberta Estrela D'alva precisou ela própria traduzir a poesia da Maya Angelou, já que havia à época pouquíssima poesia traduzida dessa autora. A publicação “Maya Angelou-Poesia Completa”, Astral Cultural, traduzida por Lubi Prates, data de 1 de janeiro de 2019. Maya, conhecida entre tantas habilidades pela sabedoria nas técnicas da poesia falada, foi presentificada em um dia que um público pode conhecer a sua poesia e em português.

O ambiente das batalhas é de aprendizado e de escuta. A palavra é soberana. Não há melodias que sobreponham os versos, os textos são ditos sem acompanhamento musical, sem figurino e sem objeto cênico. São três poemas de até três minutos cada um, ditos na crueza do silêncio. Silêncio esse bastante louvado no **Ciranda**, como forma de nos aproximar do texto dito e exercitar a capacidade de escuta ao outro. Nosso grito ritual diz: “**Ciranda** a gente para para”, ao que o público saúda: “Ouvir”.

Ciranda tem se configurado como uma plataforma de resgate do objeto livro, pois aqui a leitura é mais que bem-vinda; e como uma forma lúdica de aproximação com textos de autores de outros formatos e outros tempos *pré-slam*, o que também é importante para apontar que existe uma poesia além do gênero que vem se definindo a partir dos *slams*. É a complexidade da nossa existência. Não existem apenas os formatos clássicos, modernistas, parnasianos, haicais, sonetos, etc; e não existe só o formato feito para e a partir dos *slams*.

O *Slam do Corpo*, que tem derrubado muros construídos historicamente pela falta do ensino de LIBRAS nas escolas, também é uma referência forte para esse trabalho e, por isso, o **Ciranda** visa dialogar com a comunidade surda, convidando poetas surdos e realizando edições acessíveis em LIBRAS, o que promove uma aproximação dos clássicos também para a Língua Brasileira de Sinais. Após esse movimento, percebemos a necessidade de uma interpretação da metáfora poética para LIBRAS, entendendo como esses clássicos como Carolina Maria de Jesus, Mário de Andrade, Solano Trindade seriam não só na batalha em um slam mas também com a tradução em LIBRAS.

Foi o caso da nossa sexta edição, em março de 2019, no SESC Pinheiros. Este evento foi acessível em LIBRAS, além de contar com a poeta surda Mariana Ayelen. Estavam lá presentes: Luz Bárbara lendo Cassandra Rios; Mariana Ayelen lendo Clarice Lispector; Maitê Freitas (poeta, pesquisadora e ativista) lendo Maurinete Lima; Kimani (slammer, campeã nacional do SLAM BR 2019) lendo Victória Santa Cruz; Karen Menatti (poeta e atriz) lendo Wislawa Szymborska; Eveline Sin lendo Zila Mamede. Nessa edição houve um empate entre Karen Menatti lendo Wislawa Szymborska, e Maitê Freitas lendo Maurinete Lima, socióloga e ativista, que se viu poeta a partir da presença em saraus e poetry slams em 2013, ficou em terceiro lugar no SLAM BNDES da FLUP de 2016, publicou seu livro em 2017, aos 74 anos, e faleceu no dia 15 de janeiro de 2018.

É importante compreender que há uma literatura que foge às expectativas religiosas, econômicas e de mercado; uma literatura que fez e faz parte da nossa história, que é fundamental para a compreensão de uma época, de um tempo, de um modo de vida; assim como há uma literatura contemporânea surgindo a partir do forte movimento de Saraus e Slams que vêm se disseminando no Brasil todo, tendo fortíssima atuação em São Paulo; uma geração de *slammers*, de poetas urbanos, de poetas sociais. As bordas, as escolas periféricas (e não só) têm apontado para a necessidade de fala, de voz própria, de escrever seu próprio gênero a partir do nosso momento histórico, dos temas que urgem ser discutidos, da poesia para além da academia, da poesia do dia-a-dia. Afinal, o que é poesia? “Muita resposta vaga/ já foi dada a essa pergunta./ Pois eu não sei e não sei e me agarro a isso/ como a uma tábua de salvação.” (Wislawa Szymborska, 1923- 2012)

Sendo parte da literatura contemporânea, entendemos e celebramos a importância de resgatar e atritar a literatura registrada pelos que já passaram (muitas vezes distantes pela falta de pesquisa e leitura) com o formato mais contemporâneo de consumo de literatura: *slams*.

Ciranda: Jogo de Palavra Falada é um poetry slam de poetas mortas/os evocadas/os por artistas contemporâneas/os. Com três rodadas, cada participante faz apresentações/leituras de até três minutos em cada uma, representando um escritora/escritor já falecida/falecido. Como nosso assunto também é uma brincadeira com o tempo - os que vieram antes, os que aqui estão - nós decidimos nunca realmente cronometrar os poemas. Aqui o tempo é subjetivo.

No slam tradicional, as notas são dadas por um corpo de júri popular com 5 pessoas escolhidas na hora. Nós mantivemos o formato, mas sabotamos as notas. Elas variam de dois a nove, em uma brincadeira com a grafia dos números. As possibilidades são sempre entre quatro letras: dois, três, seis, sete, oito e nove. Para pontuar, nós utilizamos um livro transformado em placar, com os números à mão. Há uma pessoa responsável pela soma dos pontos e ao final sabemos qual foi a/o escritora/escritor e a leitura que “venceram” o jogo. Mas, ao fim das três rodadas, quem recebe o prêmio mesmo é a plateia. Uma pergunta sobre a/o escritora/escritor lida/o que ganhou é lançada e quem acertar ganha 1 livro de quem leu, caso tenha livro publicado. Abrimos cada edição falando sobre as/os poetas a serem lidas/os, contamos um pouco de suas histórias, como forma de contextualizar, informar sobre suas memórias literárias e incentivar a pesquisa.

Entre 2018 e 2022 realizamos 17 edições. Participaram poetas residentes em São Paulo, Lisboa e diversas outras localidades durante a pandemia; com textos de nomes de escritores que em sua maioria não vivenciou a ideia de slam. Queríamos saber como seriam os textos de Hilda Hilst, Alejandra Pizarnik, Waly Salomão, Torquato Neto, Violeta Formiga, entre outras/os, participando de um slam.

A atenção e escuta são ampliadas pelo elemento da competição. Para dar nota, é preciso estar dentro. E a atribuição de notas acaba reverberando em toda a plateia que dá notas mesmo internamente.

Identificamos que a realização do **Ciranda** propõe pelo menos duas camadas de incentivo à leitura. A primeira é quando as/os poetas escolhem uma/um autora/autor

para representar e assim se aproximam da voz poética dessa/desse autora/autor, pesquisa e lê mais sobre, reflete sobre os ecos de identificação. E a segunda é a ideia de plantar palavras e versos na plateia, despertando o interesse das pessoas presentes pra saber mais sobre aquelas/aqueles escritoras/escritores que estão sendo lidas/lidos e também sobre as/os que estão lendo. É fomentar a ideia da leitura como um jogo, como uma diversão, um momento de comunhão.

Ciranda: Jogo de Palavra Falada propõe a aproximação e fricção entre a tradição e a contemporaneidade; e surgiu do desejo e necessidade de arejar a memória dos textos de escritores que deixaram importantes legados, trazendo a força da voz de artistas contemporâneas/os para presentificá-las/os. A realização de um evento literário profundamente lúdico incentiva a leitura. E quem lê amplia referências, descobre mundos, subjetividades, e tem vontade de passar adiante, fazendo com que a escrita seja também incentivada.

Em 2023, **Ciranda** fará um convite a 7 poetas de 7 poetry slams de São Paulo (Slam das Minas - SP, Slam do Corpo, Slam da Guilhermina, Menor Slam do Mundo, Slam do 13, Slam da Norte e o Slam Marginária) para dialogar com suas respectivas referências. Temos profunda consciência de que nosso caminho e vontade de entender as relações do agora, do que veio antes e do que virá na literatura está apenas começando.

[Instagram do @cirandajogodepalavrafalada](#)

ⁱ **Anna Zêpa** (@annazepa) é artista nas expressões de literatura, teatro e cinema. Integra os projetos literários “37GRAUS”, show de poesia e música; e “Litheratório”, podcast-laboratório de poesia falada. Tem 4 livros publicados - “Primeiro Corte”, “aconvivênciadosnossosrastros”, “Da Perda à Pedra a Queda é Livre” e “Instantes Manhãs”. Participou de diversos espetáculos teatrais e dirigiu o curta-documentário “Adelaide, aqui não há segunda vez para o erro”, sobre a escritora paulista Adelaide Carraro. Ministra a oficina de poesia “Verso Pouco é Muito” dedicada à criação de haikais e poemas curtos. Esteve artista orientadora de literatura no Programa Vocacional, das Secretarias Municipais de Educação e Cultura de São Paulo, em 2020, 2021 e 2022. E desde 2019 ministra módulo de criação literária no CLIPE (Curso Livre de Preparação de Escritores), Casa das Rosas. **E-mail:** zepa.anna@gmail.com

ii **Maria Giulia Pinheiro** (@mariagiuliapinheiro) é estudiosa da palavra (escrita e falada). Vencedora do Prémio Nova Dramaturgia de Autorial Feminina - 2022. Criou e coordena o Núcleo de Dramaturgia Feminista, pelo qual já passaram mais de 300 pessoas de 8 países (Angola, Austrália, Brasil, Colômbia, Chile, Holanda, Moçambique e Portugal). É criadora e organizadora do Todo Mundo Slam, um poetry slam decolonial, que acontece em Lisboa e é pensado para cruzar fronteiras, além do ZONA Lê Mulheres, um sarau em que todas e todos podem ler, desde que textos escritos por mulheres, e co-idealizadora e apresentadora do slam de poemas não-autorais "Ciranda- Jogo de Palavra Falada" e do sarau etílico "Ginginha Poética". Em 2021, lançou o álbum de palavra falada "RãCô", premiado pelo Fundo Municipal de Cultura de São José dos Campos. Em 2020 ficou em 4 lugar na Copa do Mundo de Poetry Slam (La Coupe du Monde | Grand Poetry Slam), representando Portugal. Desde 2019 circula os países de língua portuguesa com o espetáculo "A Palavra Mais Bonita" e vive entre Brasil e Portugal. Atualmente, é doutoranda em "Discursos: Cultura, História e Sociedade" na Universidade de Coimbra. Mais em www.mariagiuliapinheiro.com . **E-mail:** magiuppinheiro@gmail.com